

Rumo Sul

Viaje à Antártica com Zero Hora

Marcelo Fleury

No panteão de desbravadores da Antártica

O repórter de Zero Hora Marcelo Fleury participa, a convite do navio norueguês MS Nordnorge, da viagem de 18 dias pelo Atlântico Sul até a Antártica. Acompanhe seu relato:

Os livros ajudam, mas é preciso desembarcar na Geórgia do Sul para entender os feitos de um sujeito como Ernest Shackleton. Orei por ele ontem, ao perceber que não sentia as mãos após algumas horas sem luva na pior nevasca da minha vida – das duas que já enfrentei.

Foi da Geórgia do Sul que Shackleton partiu em 1914 rumo à Antártica, a fim de cruzá-la a pé. Foi à Geórgia do Sul que regressou dois anos depois, sem ter conseguido o que pretendia. Foi na Geórgia do Sul que morreu, e é na Geórgia do Sul que está enterrado. O que elevou Shackleton ao panteão dos maiores exploradores de todos os tempos não foi, obviamente, o fracasso de sua expedição, mas o sucesso em manter vivos todos os 27 homens que o acompanharam na jornada, nos dois anos que passaram à deriva no gelo.

Pensei nos 27 e em Shackleton ao tentar mexer os dedos ontem, sem resposta. Nevava e ventava muito em Fortuna Bay, na primeira escala do



Schackleton

BANCO DE DADOS

Nordnorge na Geórgia do Sul. A sensação térmica alcançou -15°C.

Às centenas, pingüins-reis tentavam imitar os pingüins-imperadores do filme

A Marcha dos Pingüins, caminhando tão cambaleantes como caminhamos nós no navio.

Sem luvas, fiz 173 fotos, muito menos do que as 3.572 do Jonas Chun, o fotógrafo coreano que nos acompanha. No caminho de volta, percebi que não sentia as mãos. Bati uma na outra, como uma foca, e era como se não fossem minhas. Além do literal, gelei no sentido figurado. Pensei em como escreveria esta reportagem se as perdesse, e então corri ao Amyr Klink, que ia à frente.

– Não sinto as mãos – gritava, num tom que me deixará constrangido pelo resto da viagem.

Preocupado, o Amyr me cedeu suas luvas. Levei sete minutos para recuperar os movimentos, lembrando da história de Shackleton para convencer-me de que há coisas piores na vida. Lembrei-me, sobretudo, de um trecho do diário de Frank Worsley,

homem de confiança de Shackleton que escreveu muito durante o tempo em que o navio deles ficou preso no gelo antártico. Reproduzo-o com alívio, mesmo vendo ondas alcançarem pela primeira vez o último andar do Nordnorge, enquanto seguimos a navegação pela Geórgia do Sul. Porque Worsley deveria estar realmente angustiado ao registrar:

“Muitos dos icebergs tabulares parecem imensos armazéns e silos de cereais, mas a maioria parece a criação de algum arquiteto brilhante sofrendo de um delírio induzido pelo excesso de contemplação desse maldito banco infernal de gelo estacionado, que parece condenado a ficar permanentemente à deriva, até que o Dia do Juízo o faça rachar de norte a sul e de leste a oeste em um milhão de fragmentos – e quanto menores melhor. Não se vê nenhuma vida animal – nem terra – nem nada!”

O ROTEIRO DA VIAGEM



Editoria de Arte



ELE É REI

> O pingüim-rei (*Aptenodytes patagonicus*) mede entre 85 e 95 centímetros de altura e pesa de 11 a 15 quilos. Habita a Antártica, na zona dos ventos do Oeste.

> Só é menor do que o pingüim-imperador, popularizado pelo filme *A Marcha dos pingüins*, que alcança até mais de um metro.

> Os filhotes do pingüim-rei são marrons. Os pingüins-rei ausentam-se das áreas mais frias para procriar, principalmente nas Ilhas Malvinas.

Marcha dos pingüins 1

Não são imperadores, como naquele documentário do efeito-fofura. Mas são reis. Pingüins-reis, como esses das fotos, marcham em Fortuna Bay, na Geórgia do Sul, de volta à imensa pingüineira onde seus filhotes começam a crescer.

Marcha dos humanos

Os pingüins devem festejar: lá vem os fofinhos daqueles humanos.

– Pai, posso me aproximar? – perguntaria o filhote ao pingüim-rei.

– Sim, mas mantenha distância de cinco metros para não assustá-los, meu filho.

Incrível como se respeita essa regra dos cinco metros aqui. Às vezes, são os pingüins, que notam a proximidade de um humano e recuam. Às vezes, são os humanos, que percebem um pingüim se aproximando e dão um passo para trás. Mas às vezes são os dois, ao mesmo tempo, encarando-se enquanto se afastam.

Marcha dos pingüins 2

Não vi e nem verei um pingüim-imperador nesta viagem, mas desconfio que os pingüins-rei sejam mais bonitos. Quando se pensa em pingüim, geralmente se pensa num pingüim-rei, com essas listras amarelas no pescoço. Mas, verdade seja dita, o pingüim-imperador é maior. E também é o único que vive Antártica adentro, motivo pelo qual não o veremos nesta jornada.

Pingüineira

Dizem que nesta pingüineira da foto abaixo há poucos adultos porque os pais saíram atrás dos lobos-marinhos aos gritos de “Eu mato”. É que os filhotes, de fato, não se parecem nada com os pais. Mas quando crescem, a penugem marrom dá lugar ao belo, escorregadio e oleoso couro de pingüim-rei, que proliferam pela Geórgia do Sul.



FOTOS MARCELO FLEURY



Você quer integridade,
agilidade e sua
mercadoria no tempo certo?

Com a Transfarrapos sua mercadoria está em boas mãos!

www.transfarrapos.com.br

**Trans
Farrapos**

Bento Gonçalves - RS: (54) 3453.1844
Fortaleza - CE: (85) 3274.3146

Data Publicação : 25/10/2007

Rumo do Sul, Viaje à Antártica com Zero Hora, Marcelo Fleury